

**HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E**

**VULNERABILIDADES SOCIAIS**

**PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido**

**MEMÓRIA SOBRE OS OUTROS, MEMÓRIA SOBRE SI: REPRESENTAÇÕES  
DA PRÁTICA DOCENTE NO CURSO DE HISTÓRIA DA UFRN, PELO  
OLHAR DE PROFESSORES EX-ALUNOS**

NOBRE, Clivya<sup>1</sup>

**Resumo:**

Esta pesquisa investigou a representação dos ex-alunos e professores do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) sobre a formação recebida na graduação e a própria atuação docente, por meio de entrevistas. A metodologia empregada foi a análise qualitativa do conteúdo das perguntas e respostas das entrevistas, para compreensão do processo de produção dessas fontes orais, com o respaldo dos conceitos de “história oral” (PORTELLI, 2016) e de “autobiografia” (LEJEUNE, 2014) e (BOURDIEU, 2006). Também auxiliou na investigação das fontes a operacionalização dos conceitos de “geração” (SIRINELLI, 2003), de “representação do espaço” (LEFEBVRE, 2006), e de “memória” (NORA, 1993). Foi identificada a busca dos entrevistados em produzir memórias de si a partir da identidade ou da alteridade com a memória produzida sobre aqueles que foram seus professores no ensino superior. Este processo foi influenciado pela geração intelectual a qual pertenciam, e pelas relações entre corpo docente e discente no curso, no período lembrado (décadas de 1960 à 1980) e no momento presente das entrevistas (2006 e 2018).

**Palavras-chave:** História do Ensino Superior de História; UFRN; Memória; História Oral; Formação de Professores.

**1. A trajetória do curso de História da UFRN e a produção de memórias docentes**

O atual curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) teve o início de suas aulas em 1957.<sup>2</sup> Em seus 65 anos de existência, este espaço de formação passou por diversas mudanças curriculares, no perfil do corpo docente e no modelo de ensino promovido. Analisar historicamente estas mudanças pode abrir caminhos para a compreensão das características da formação de professores de História no estado. Para possibilitar esta análise, iniciativas institucionais para a produção de

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN). E-mail: clivyahistoria@gmail.com.

<sup>2</sup> Antes mesmo do surgimento da universidade, como um componente da antiga Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

fontes orais sobre a trajetória do curso ocorreram em dois momentos estratégicos: nas comemorações dos 50 e 60 anos do curso, em 2006<sup>3</sup> e 2018<sup>4</sup>, respectivamente.

Os alunos das disciplinas de História Oral dos semestres de 2006.1 e 2018.1 foram orientados a entrevistar professores do curso, inclusive alguns que já estavam aposentados. Os docentes, cada um à sua maneira, produziram representações simbólicas do espaço institucional do curso de História da UFRN. Dos doze professores entrevistados, nove tinham sido graduandos de História do mesmo curso, ou seja, a maioria das fontes orais apresentou a imagem deste espaço de formação através de dois pontos de vista: o de ex-aluno e o de professor. A partir disto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar as entrevistas dos sujeitos que compartilharam a experiência de serem discentes e docentes do curso em questão, para identificar a maneira como descreveram as características do ensino promovido, e para investigar as circunstâncias que influenciaram as descrições.

Para subsidiar a análise central da presente pesquisa, foram investigados aspectos diversos nas entrevistas e em documentos administrativos relacionados ao curso e aos seus integrantes. As perguntas feitas pelos entrevistadores e os documentos institucionais que apresentaram diretrizes para as ações de salvaguarda da memória do curso foram analisadas para a compreensão das demandas que influenciaram na produção das entrevistas. Foram mapeadas as gerações docentes a qual os entrevistados fizeram parte, por meio dos dados dos anos em que cada um deles nasceu, cursou a graduação e exerceu a docência no curso, para compreender as diferenças e semelhanças na maneira como cada uma falou sobre o ensino promovido nos momentos em que foram alunos e professores.

O conteúdo das respostas dos entrevistados foi analisado a partir de quatro eixos principais: o que disseram sobre a própria prática docente, sobre as condições de trabalho e de formação no período da própria atuação, sobre o ensino promovido pelos professores

---

<sup>3</sup> Data dos 50 anos do decreto fundador do curso.

<sup>4</sup> Data dos 60 anos da fundação da antiga Universidade do Rio Grande do Norte, atual UFRN. A celebração da efeméride do curso de História foi simultânea as comemorações dos 60 anos da universidade.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

dos quais os entrevistados foram alunos no ensino superior, e sobre a formação destes professores. A partir desta investigação foi possível discorrer sobre as demandas políticas e acadêmicas que influenciaram nas memórias dos professores entrevistados, e como estas memórias se relacionaram à maneira como estes sujeitos apresentaram identidades comuns através de experiências compartilhadas.

### **2. Estratégias para a análise das entrevistas: metodologia e teoria**

O principal conjunto documental investigado nesta pesquisa foram entrevistas feitas com professores ativos e aposentados do curso de História da UFRN, material compreendido como fonte oral, através da definição de Alessandro Portelli. De acordo com o autor, a fonte oral tem especificidades que a distinguem de outras fontes e que precisam ser consideradas em sua análise. A maioria das fontes históricas é um resquício de uma ação humana do passado, produzidas com finalidades diversas, e ressignificada pelos pesquisadores por meio da operação historiográfica. Já as fontes orais são produzidas com fins historiográficos, e a autoria deste material é coletiva: dos historiadores entrevistadores e dos narradores entrevistados. O processo produtor de fontes orais articula duas dimensões de tempo: o tempo recordado nas memórias registradas e o tempo presente da produção da fonte. Estes documentos também são resultado da relação da esfera privada e individual, as experiências dos entrevistados, com a esfera pública e coletiva que estas experiências representam (PORTELLI, 2016, p. 12). Desse modo, houve ligação entre a ocasião em que os registros memorialísticos foram feitos, nas efemérides de 50 e 60 anos do curso, e o momento político e social dos períodos rememorados (dos anos 1960 aos anos 1980), com as opções narrativas dos entrevistados.

As entrevistas podem ser caracterizadas como fontes autobiográficas, dentro da definição de autobiografia de Philippe Lejeune. De acordo com ele, a autobiografia tem como elementos característicos a experiência de vida do narrador como o objeto central, a posição de protagonismo do narrador no enredo contado, e o passado como o período em que a maior parte dos eventos narrados se passaram (LEJEUNE, 2014, p. 14). Estes elementos podem ser identificados nas entrevistas. As narrativas presentes nas fontes

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

analisadas tiveram como principal foco a experiência vivida pelos entrevistados. Eles foram os protagonistas dos relatos, seja quando se referiram ao método de ensino de seus professores, seja quando trataram dos próprios modos de ensinar. Mesmo quando as questões tentavam direcionar o diálogo para âmbitos mais institucionais ou político-sociais, os rumos da conversa sempre voltavam para as vivências individuais. Além disso, na maior parte das entrevistas, o foco foi a rememoração de eventos passados.

Além das características descritas por Lejeune, há outros aspectos nas entrevistas que se assemelham às considerações feitas por Pierre Bourdieu sobre o relato autobiográfico. De acordo com o teórico, há tendência nas biografias em transformar o real, marcado pelas incoerências e a aleatoriedade dos fatos, em trajetórias permeadas por relações de causa, consequência e finalidade, para uma produção artificial de sentido (BOURDIEU, 2006, p. 184). Deste modo, as biografias contêm, de formas implícitas ou explícitas, uma busca de intenções originais no passado para explicar ações e escolhas dos sujeitos biografados em momentos posteriores. Estes aspectos foram identificáveis na narrativa tecida pelos professores narradores nas fontes orais. Eles buscaram no início de sua trajetória explicações para os rumos tomados em suas carreiras, nas circunstâncias vividas na juventude e no período de formação justificativas para possíveis críticas que teriam recebido em outros momentos de suas trajetórias.

Diante destas reflexões, fez-se notória a importância de analisar as perguntas que conduziram as entrevistas, e as demandas institucionais que permearam as ações dos entrevistadores. Para isto, foram analisadas as ementas da disciplina de História Oral nos dois momentos, em 2006.1 e em 2018.1, assim como o relatório final da Comissão dos 60 Anos do curso, responsável pelas ações voltadas para a celebração da efeméride em questão. As fontes foram produzidas por iniciativas institucionais da UFRN, que tiveram como objetivo central a salvaguarda da memória institucional e da trajetória do curso. A partir das narrativas presentes nelas, os docentes descreveram suas perspectivas sobre a formação que receberam e sobre as próprias práticas em sala de aula. A partir da comparação entre as perguntas feitas nas entrevistas de 2006 e 2018, foi possível notar que as perguntas feitas, em ambas as circunstâncias tiveram poucas variações. Quase

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

todas questionaram formação básica, formação superior, experiência profissional, participação em ações de pesquisa e extensão, comparações entre o curso no período em que foram alunos, no período em que exerceram a docência e na atualidade, e como estavam lidando com a aposentadoria. Apesar disso, alguns entrevistados falaram mais sobre seus antigos professores, outros falaram menos, mas se repetiu a necessidade e a ênfase em construir para si uma memória positiva, de profissionais modernos e atualizados. A similaridade nos resultados esteve ligada ao grupo de professores consultado nestes momentos, e à semelhança das iniciativas, voltadas para a comemoração de datas marcantes. Entretanto, dentro mesmo do conjunto de entrevistas das ocasiões comemorativas, houve pontos de vista que se distanciaram das demais quanto às características do ensino e da formação docente no curso em diferentes períodos. Isto ocorreu pela diversidade de gerações a qual pertenciam os entrevistados

Os professores que atuaram no curso de História podem ser agrupados em gerações, a partir das datas em que nasceram, cursaram a graduação, ingressaram na docência superior e se aposentaram. De acordo com Jean-François Sirinelli, os sujeitos, principalmente no meio intelectual, tendem a se agrupar com outros de idade semelhante e que vivenciaram experiências em comum, e estes grupos se relacionam com outros que viveram e atuaram antes ou depois deles, a partir de elos de herança ou por rupturas. Mapear uma geração e suas trocas com outras gerações pode ser um meio para compreender a memória compartilhada pelos indivíduos e como ela interfere na sua identidade (SIRINELLI, 2003, p. 254-255). A partir disso, foram identificadas quatro gerações as quais os entrevistados pertenceram: a primeira, dos precursores, que lecionaram a partir de 1957, e que foram os fundadores das cátedras das quais foram titulares; a segunda, dos primeiros formados pelo curso a ingressarem na docência superior, a partir de 1960; a terceira, composta por ex-alunos do curso, formados no período da reforma universitária, que retornaram à docência no curso de História da UFRN em 1976, e por formados em outras áreas que ingressaram no corpo docente no mesmo ano (Geração de 1976); e a quarta, dos professores que ingressaram a partir da década de 1980, composta em sua maioria por professores formados em outras

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

universidades fora do Rio Grande do Norte, mas também por alguns ex-alunos do curso. A percepção que tiveram da experiência vivida na graduação e dos professores descritos nas memórias institucionais se relacionou com a geração a qual fizeram parte e suas especificidades. Para a presente pesquisa, foram selecionadas as entrevistas dos dois grupos mais numerosos, a segunda (composta por Mariza Moura, Cláudio Galvão e Alberto Medeiros) e a terceira geração (composta por Marlene Mariz, Wicliffe Costa, Ferdinanda Cruz, Márcia Souza e Leneide Oliveira), que tiveram em comum a experiência tanto de graduandos do curso de História quanto de professores.

Para identificar estes recortes de gerações, foram sistematizados os dados de nascimento dos docentes, os anos em que cursaram a graduação e as datas de entrada e saída no corpo docente do curso de História. Estes dados foram encontrados em documentos administrativos da UFRN, como a relação de contratos ligados ao Departamento de História e atas de reuniões de colegiado, assim como informações presentes nas próprias entrevistas. Os fatos históricos afetam os sujeitos de diferentes idades de maneiras diferentes, com maior ou menor impacto, o que pode criar diferentes gerações atreladas à solidariedade de idade (SIRINELLI, 1986, p. 107). Nesse caso, os aspectos políticos e sociais que permearam as experiências dos docentes os influenciaram de maneiras diferentes de acordo com a idade que tinham e a fase da vida que estavam passando, se eram graduandos ou professores da graduação, por exemplo. Todas estas vivências comuns foram características que distinguiram estes professores num recorte geracional, diferenciando seus olhares sobre a memória do curso dos pontos de vista assumidos pelas demais gerações.

Nesta pesquisa, a categoria de análise do espaço foi entendida como algo produzido, operacionalizando as proposições de Henri Lefebvre. De acordo com este teórico, o conceito de produção foi definido como resultado da força gerada pelo trabalho e caracterizada por empregar energia sobre materiais, ser uma prática social, ou seja, incluir ações humanas racionais que apresentem sequência ou sincronia entre si, e ter objetivos conscientes. Os entrevistados e entrevistadores produziram o espaço do curso de História da UFRN de maneira consciente e organizada, ao empregar energia sobre um material

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

simbólico (as memórias), e ao registrar os resultados desse processo como um produto documental. Lefebvre tornou mais abrangente a operacionalização do conceito de trabalho. Ele ultrapassou a perspectiva material/física e adentrou no domínio do simbólico, dessa forma, aspectos culturais e da linguagem puderam ser considerados produtos do trabalho. A partir disso, foi investigada a maneira como as memórias dos professores, presentes nas entrevistas, construíram e disseminaram representações simbólicas por meio da linguagem. Lefebvre propôs o conceito de espaço de representação, e o entendimento da linguagem como topológica, por distribuir os conceitos no espaço cultural (LEFEBVRE, 2006, p. 124-128). Dialogando com esta perspectiva, foi analisada a forma como os sujeitos da pesquisa construíram topografias a partir de sua escrita e de símbolos que elaboram e disseminaram culturalmente. Percebi essa produção de espaço por meio de representações do curso nas memórias de antigos professores, sobre os primeiros momentos da história do curso de História da UFRN.

Nesta pesquisa, as fontes orais foram analisadas como produtos de uma ação de salvaguarda da memória. Desse modo, foi articulada a definição de memória discutida por Pierre Nora. De acordo com o autor, os ideais modernos de progresso alteraram a percepção do passado, que começou a ser compreendido como algo antiquado. A memória ganhou novo significado a partir de então, sendo um meio para o contato dos indivíduos com o passado “dado como radicalmente outro” e “concebível num regime de descontinuidade” (NORA, 1993, p. 18). Ou seja, a memória passou a ser pautada na alteridade, e as narrativas memorialísticas cada vez mais têm sido marcadas pela perspectiva do passado exótico, diferente. Como a alteridade é uma estratégia de construção de identidade, a memória pode servir também como um meio de contrastar um passado mais distante, no geral negativo, com um passado mais recente, quase sempre positivo. Deste modo, quanto mais diferença entre o mais antigo e o mais recente, mais forte é a mensagem de que ocorreu “evolução” e mudanças para melhor. Nas narrativas dos professores, principalmente da terceira geração, de modo geral, o passado mais distante ao qual se estabeleceu ruptura foi caracterizado pelas práticas da primeira geração. Assim, foi valorizado o passado mais recente, à época da atuação dos

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

entrevistados como professores do curso, período com o qual eles estabeleceram uma ligação de identidade. Já os professores da segunda geração tiveram um maior cuidado em citar as circunstâncias que interferiram na maneira como os professores da primeira geração foram formados e como lecionaram. A relação dos integrantes da segunda geração com os seus mestres foi mais de identidade do que de alteridade, de acordo com as narrativas presentes nas entrevistas.

Para a investigação do conteúdo das entrevistas, foi feito um roteiro de análise, com alguns temas gerais, como o ponto de vista dos entrevistados sobre os métodos de ensino e a formação superior de seus professores na graduação, sobre as competências e habilidades desenvolvidas e o currículo do curso na época de graduandos, e como os entrevistados analisavam a própria atuação em sala de aula e a relação que tinham com seus alunos. Ao comparar os posicionamentos de cada um dos entrevistados sobre estes aspectos, foi possível traçar semelhanças e diferenças, e, de modo geral, a diferença de geração a qual os entrevistados fizeram parte acompanhou a diferença no posicionamento na maioria dos temas investigados. Em diálogo com as reflexões de Pierre Nora, o conjunto documental das entrevistas se configurou como um lugar de memória, definido pelo teórico como vestígios de passado que despertaram o sentido de memória em sujeitos ou grupos. Deste modo, estas fontes apresentaram valor simbólico, ao despertarem um aspecto do sentido de memória próprio da modernidade, que Nora chamou de “memória-distância”, a memória projetada na descontinuidade entre passado e presente, capaz de construir identidade pela alteridade (NORA, 1993, p. 12-14). As ocasiões em que foram escritos, nas efemérides de 30, 50 e 60 anos do curso, denotaram a função que exerceram no momento de sua produção, a de celebrar a trajetória do curso.

### **3. Representações do espaço do curso de História da UFRN: memórias da prática de diferentes gerações docentes**

As maneiras como os entrevistados descreveram a forma como ensinavam e a forma como seus mestres ensinavam produziram representações do espaço institucional do curso de História da UFRN, pois o trabalho de lecionar destes sujeitos contribuiu na

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

composição dos aspectos característicos do curso em questão no período em que atuaram. As representações do espaço do curso presentes nas entrevistas dos professores da segunda geração e da terceira geração tiveram aspectos semelhantes e divergentes. Uma das similaridades foi a visão negativa sobre a presença de sujeitos sem formação na área de História no corpo docente do curso. Porém, os sujeitos da segunda geração restringiram as críticas aos professores sem formação que ingressaram depois que o ensino superior de História no Rio Grande do Norte já estava estruturado, visto que os historiadores formados no estado estavam disponíveis para ocupar os postos de trabalho na docência superior. Quanto aos professores da primeira geração, que eram bacharéis em Direito, o posicionamento foi diferente, pois este grupo estruturou o curso de História num período em que havia poucas universidades que promovessem a formação em História no Brasil, e nenhuma no Rio Grande do Norte. Ou seja, estes primeiros professores foram necessários para dar o pontapé inicial no ensino superior em História e permitir que novos historiadores fossem graduados no estado. Já os integrantes da terceira geração consideraram que a falta de formação específica destes precursores foi a causa para que ensinassem História de maneira dita “factual”, ou seja, pautada na memorização de nomes de personagens, datas e fatos históricos, e com pouca reflexão crítica sobre a historiografia, perspectiva que descreveram de maneira negativa.

Outra similaridade nos discursos dos entrevistados da segunda e terceira gerações foi a percepção de que a formação que tiveram na graduação não foi suficiente para o pleno desenvolvimento das habilidades necessárias para o bom exercício da docência. A maior parte dos entrevistados enfatizou a busca por outros meios de formação complementar, como pós-graduação em outras universidades e o autodidatismo. Apesar disso, a segunda geração apresentou aspectos que a terceira geração ocultou, ou citou de maneira apenas tangencial: as circunstâncias que influenciaram no currículo e nos conteúdos ensinados no curso, que iam além das escolhas dos professores que os sistematizaram, como a influência dos outros cursos já existentes e de universidades tidas como referências de ensino, como o curso de História da Universidade de São Paulo (USP), que também tinha poucas disciplinas em seu currículo no período em questão.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A rigidez nas relações dos professores da primeira geração com os discentes foi outro elemento citado por entrevistados da segunda e terceira gerações, que foram alunos deles na graduação. Pouca flexibilidade quanto às exigências da vestimenta formal e a pouca abertura para que os discentes dialogassem e fizessem questões durante as aulas foram algumas características apontadas por ambos os grupos. Porém, o discurso da segunda geração se distanciou ao destacar que, no período em questão, o modelo ideal de professor demandado por orientações estatais e acadêmicas, no geral, tinha esta configuração, e novas perspectivas de ensino passaram a ser discutidas com mais frequência décadas depois. Também citaram que os professores da primeira geração tiveram de enfrentar dificuldades como baixos salários e a falta de incentivos financeiros para formação continuada e pós-graduação, circunstâncias que os docentes das gerações seguintes não precisaram enfrentar. Já os entrevistados da terceira geração, em linhas gerais, não abordaram estas questões, ao atribuir essas características a falta de formação superior em História dos docentes e escolheram enfatizar as consequências negativas desse modelo de ensino para a aprendizagem.

Uma escolha recorrente dos entrevistados foi estabelecer comparações entre a prática de seus professores e a própria prática. Na maioria das vezes em que abordaram algum comportamento característico daqueles que os formaram em algum aspecto, logo em seguida discorreram sobre a própria postura no mesmo aspecto, geralmente de maneira oposta a de seus antecessores. Enfatizaram, tanto os entrevistados da segunda geração quanto da terceira, que foram professores compreensivos, adeptos da aula com diálogo e abertura para participação dos alunos, com boas habilidades didáticas, e que priorizavam a análise crítica da historiografia e o método histórico em suas aulas. A comparação com a primeira geração provavelmente foi uma estratégia para destacar as próprias qualidades a partir do contraste, porém, diferente da terceira geração, a segunda demonstrou maior conhecimento dos desafios enfrentados pelos seus antecessores, provavelmente por causa das experiências que compartilharam. De acordo com a historiografia produzida sobre a trajetória do curso (LIMA, 2002) e (MEDEIROS, 1987), o curso de História foi integrado a UFRN apenas em 1968, mais de uma década depois

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

do início das aulas, e, nesse primeiro momento, corpo docente, discente e funcionários enfrentaram dificuldades como a falta de estrutura, atraso de salários, além do desafiante processo de sistematização de um curso superior num contexto de poucas referências nessa área no Brasil. Os professores da primeira e segunda geração vivenciaram estas experiências em comum, mas os da terceira geração iniciaram a graduação neste curso após a sua integração à UFRN, quando as dificuldades iniciais já tinham sido superadas.

Como já dito, as fontes orais são narrativas desenvolvidas a partir da dupla autoria, de entrevistadores e entrevistados. Os entrevistadores, alunos da disciplina de História Oral da graduação em História da UFRN, orientados pelos docentes da disciplina e pelas demandas institucionais, trouxeram à entrevista questões que serviram tanto para aprender sobre a metodologia de História Oral através da prática, como para produzir uma representação da trajetória do curso de História. Os entrevistados, por sua vez, são sujeitos que articularam estratégias narrativas por décadas, ao escrever e ensinar História. Desse modo, estes profissionais tinham habilidades para acionar a melhor maneira de registrar nas entrevistas a narrativa que preferiram. Além disso, a maioria deles estava vivenciando um momento da carreira, a aposentadoria, no qual o medo do esquecimento se acentua, o que ficou implícito nas próprias entrevistas, quando lamentaram o pouco contato e a pouca procura de professores e funcionários ativos por eles. Dessa maneira, é compreensível que estes profissionais aproveitassem as entrevistas como uma oportunidade única de inserir a melhor imagem de si próprios na memória institucionalizada.

A partir da análise das entrevistas, da historiografia sobre o ensino superior no Brasil no período em que os entrevistados atuaram (décadas de 1960, 1970 e 1980), e de documentos institucionais de períodos posteriores a este, produzidos por professores da quarta geração, foi possível notar que a ênfase dos entrevistados em estabelecer a melhor imagem de si mesmos em suas memórias foi uma reação à críticas enfrentadas por estes sujeitos num período próximo ao da aposentadoria da maioria deles. O fim da década de 1980 foi marcado por mudanças políticas e comportamentais, como a busca por relações mais democráticas entre professores e alunos e maior representatividade estudantil nas

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

decisões acadêmicas. Os alunos ingressantes em tal momento tiveram conflitos com os professores entrevistados, que foram formados em circunstâncias opostas, quando a rigidez das hierarquias, especialmente nas universidades, era parte da política de Estado do regime civil-militar (MOTTA, 2014). Diante desse contraste, provavelmente os entrevistados foram apontados como pouco democráticos, e isso justificou a busca deles em enfatizar o quanto foram flexíveis, compreensíveis e o quanto dialogavam com os alunos, em comparação com os docentes que vieram antes deles. Além disso, em 1987, ocorreram mudanças institucionais como a exclusividade do concurso público para o ingresso na docência superior federal, e não mais por indicação (Ministério da Educação, 1987a) e a exigência da titulação completa em História para lecionar no curso. Isto provocou em alguns dos professores que ingressaram após estas mudanças uma dúvida quanto a qualificação e o mérito daqueles que ingressaram antes e não precisaram passar por processos tão rígidos (MONTEIRO, 2006, p. 52), dentre eles os entrevistados, que buscaram destacar nas entrevistas seus esforços para conseguir se qualificar ainda mais após a graduação.

#### 4. Referência

- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 184.
- COSTA, Wicliffe de Andrade; CRUZ, Maria Ferdinanda Silveira Soriano da. [Entrevistas concedidas a] Ana Maria do Nascimento Moura, Gicelma Duarte Fonseca e Vanda Sarmiento Borges Mesquita. Natal, 2006. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História].
- GALVÃO, Cláudio Augusto Pinto. [Entrevista concedida a] Diorge Trindade, Felipe Rodrigues e Samara Dávalos. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].
- LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 14.
- LIMA, Maria Helena Oliveira. *Uma História do curso de História em Natal: 1957 – 1968*. Monografia (Bacharelado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2002.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

MARIZ, Marlene da Silva. [Entrevista concedida a] Lucas França, Rafaela Mirlys e Ísis de Freitas. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].  
MEDEIROS, Alberto Pinheiros de. [Entrevista concedida a] Vitor Assunção, Miguel Pereira Neto e Renato Brandão. Natal, 2006a. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História].

MEDEIROS, Alberto Pinheiros de. [Entrevista concedida a] Eduardo Bezerra de Oliveira Junior, Jadson Lucas Pinheiro de Carvalho e Josivan Tomaz da Silva. Natal, 2006b. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História].

MEDEIROS, Alberto Pinheiro. O curso de História na UFRN: 30 anos de existência. *Revista História – UFRN 30 anos: 1957 – 1987*. Natal, n. 1, p. 17-21, 1987.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Resolução nº 67/87 – CONSAD*. Natal, 1987a. Disponível em: <[https://sigrh.ufrn.br/sigrh/public/colegiados/filtro\\_busca.jsf](https://sigrh.ufrn.br/sigrh/public/colegiados/filtro_busca.jsf)>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MONTEIRO, Denise Mattos. Balanço da historiografia norte-rio-grandense. In: I ENCONTRO ESTADUAL DA ANPUH-RN, 2004, Natal: EDUFRN. *Anais [...]*. Natal, 2006, p. 51-54.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. [s. l.]: Zahar, 2014.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Maria Leneide Câmara. [Entrevista concedida a] Arnaldo Pereira de Andrade Segundo, José Roberto Santhiago e Luciana Maria de Souza Jesus. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SIRINELLI, Jean-François. 1986. Le hasard ou la nécessité ? une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, n. 9: p. 97-108.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: R. RÉMOND (org). *Por uma História Política*. Tradução de Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 254-255.

SOUZA, Márcia Maria Lemos de. [Entrevista concedida a] Carina Gabriela Damasceno Peixoto, Iury Gabriel Amorim de Araújo e José Pedro Azevedo da Silva. Natal, 2018. [Entrevista arquivada pelo Laboratório de História Oral – UFRN].

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Letras, Ciências Humanas e Artes. Departamento de História. Comissão de Coordenação das Atividades dos 60 anos do Curso de História. *Relatório Final das Atividades Desenvolvidas 2016-2018*. Natal, 2018.